

líticos, refúgio este que não lhe custará coisa alguma. Uma arca em funcionamento estaria tão isolada quanto um submarino atômico submerso. O ar seria recuperado ou fabricado, a água viria de poços profundos sem comunicação com a superfície, os estoques de alimentos seriam suficientes para um século. Poder-se-ia utilizar a cultura de plantas sob a água.

O problema da comunicação com a superfície é extremamente difícil, mas podemos imaginar receptores muito bem camuflados na superfície, conduzindo na direção da arca as emissões de rádio, televisão bem como as medidas da temperatura e da radioatividade do solo. Quando necessário, algumas análises do ar nas proximidades do solo podem ser acrescentadas a isto. Todavia, no próprio interior da arca, alguns dispositivos que captam as ondas de choque no solo provocadas pelas explosões de bombas atômicas informarão aos habitantes da arca sobre a catástrofe atômica.

É muito difícil imaginar as condições “de alarme vermelho” que poderiam levar os dirigentes de uma futura arca a convocar os eleitos, fazê-los entrar na arca e depois fechá-la.

Seria preciso que os dirigentes estivessem muito a par da política para pensar que o desencadear de uma guerra atômica seja extremamente provável. Não podem, de maneira alguma, dar um alerta, reunir os eleitos na arca durante alguns meses para depois abri-la e dispersar outra vez as pessoas na superfície. É provável que se comentasse a respeito e que o fato se tornasse conhecido.

A arca só pode ser ocupada uma vez, a certa, o que constitui uma responsabilidade tremenda. É verdade que a responsabilidade daqueles que desencadeassem uma guerra nuclear seria ainda maior.

Esta mesma energia atômica que nos ameaça de destruição forneceria aos habitantes de uma arca fontes de energia suficientemente poderosas para que pudessem subsistir até o esgotamento do alimento, digamos. . . um século. A esta altura, é claro, o pior acontecerá, ou então a crise terá passado.

○ O recrutamento dos eleitos trará problemas mais difíceis do que a própria construção da arca.

Esta construção depende de ciências e técnicas bem estabelecidas, enquanto que o recrutamento depende da psicologia, que não é uma coleção de receitas de cozinha. Podemos, entretanto, imaginar um nível zero de recrutamento feito através de anúncios como o do início deste capítulo.

Um nível 1 de recrutamento seria o exame dos candidatos, com testes psicológicos de estabilidade e um controle dos seus conhecimentos técnicos. É certo que numa arca os bombeiros serão mais úteis do que os egiptólogos. Mas, em compensação, estes últimos têm maiores chances de ler um anúncio numa revista de vanguarda e interessar-se por ele do que um bombeiro.

Portanto, o nível 1 consistiria num exame técnico dos títulos e capacidades e na aplicação de testes de estabilidade psicológica.

Estes testes não valem grande coisa, mas assim mesmo são melhores do que nada e são aplicados, não sem sucesso, aos candidatos desejosos de fazer parte de um serviço secreto.

Estes testes eliminariam a maioria dos candidatos. Seria explicado aos candidatos eliminados que se tratava de uma experiência de sociologia e é pouco provável que comentassem a respeito, pois experiências sociológicas bem mais loucas são feitas todos os dias. Os candidatos aprovados passariam para o nível 2 dos